

ALMIRANTE JACEGUAÍ

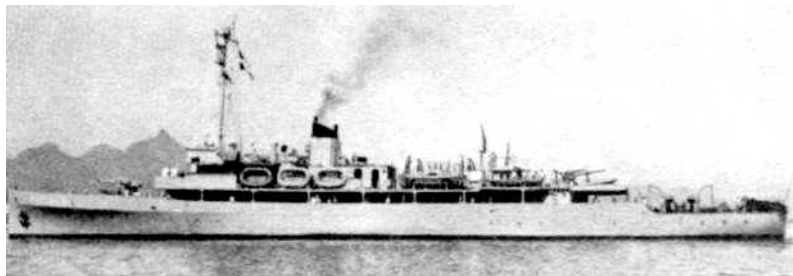
Corveta.

Lançado na Escócia em 1919, o HMS Fairfield era um caça-minas da classe Hunt¹. Comprado em 1920 por uma empresa de turismo argentina, foi rebatizado Flecha. Acabou vendido para o Brasil, onde foi incorporado a 17/02/37, sendo rebatizado Almirante Jaceguai e reformado para operar como Navio-Hidrográfico.

Com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, o NHi Almirante Jaceguai foi convertido a corveta A/S, servindo como escolta durante o restante da guerra. Foi desativado a 12/11/52.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Era armado com 2 canhões de 47 mm e alguns canhões AA de 20 mm. Deslocamento - 815 T (padrão). Comprimento - 70,20 m. Velocidade - 15 nós.



Almirante Jaceguai

¹ É incorreta a informação de que ele seria da classe Racecourse, pois os navios dessa classe são de propulsão por roda de pás.

BAHIA

Classe de cruzadores.

Construídos na Inglaterra em 1909/10, os dois barcos dessa classe (C12 Bahia e C11 Rio Grande do Sul) sofreram reformas em 1926/27, mas já estavam obsoletos em fins da década de 30.

O Bahia participou da Revolução de 1930 e ambos estiveram na de 1932. O Rio Grande do Sul fez parte da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG - 1918) e ambos formaram a Divisão de Cruzadores da Esquadra Brasileira (extinta a 05/10/42).

Durante a 2ª Guerra Mundial, ambos prestaram valiosos serviços de patrulha e escolta, recebendo equipamento para combate a submarinos (cargas de profundidade e sonar). Ambos escoltaram a força de ocupação de Fernando de Noronha. O Rio Grande do Sul participou da escolta dos 2º, 3º e 4º escalões da FEB na sua viagem à Itália e o Bahia, da do 4º.

O Bahia (que era apelidado de "Vedeta") desapareceu na explosão acidental de suas cargas de profundidade a 04/07/45, sendo a maior tragédia da Marinha de Guerra do Brasil: de seus 373 tripulantes (incluindo 4 americanos), apenas 36 sobreviveram.

O Rio Grande do Sul foi desincorporado a 02/07/47, tendo baixa definitiva a 08/06/48.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Eram armados com 10 canhões de 4,7 polegadas, 8 canhões AA de 20 mm e 4 tubos lança-torpedos de 21 polegadas. Deslocamento - 3150 T (normal). Comprimento - 122,37 m. Velocidade - 26,5 nós.



Cruzador Bahia, 01/07/45.

CARIOCA

Classe de lança-minas.

Os seis barcos dessa classe (C1 Carioca, C2 Cananéia, C3 Camocim, C4 Cabedelo, C5 Caravelas e C6 Camaquã) foram lançados entre outubro de 1938 e setembro de 1939, sendo incorporados à Esquadra Brasileira entre setembro de 1939 e junho de 1940.

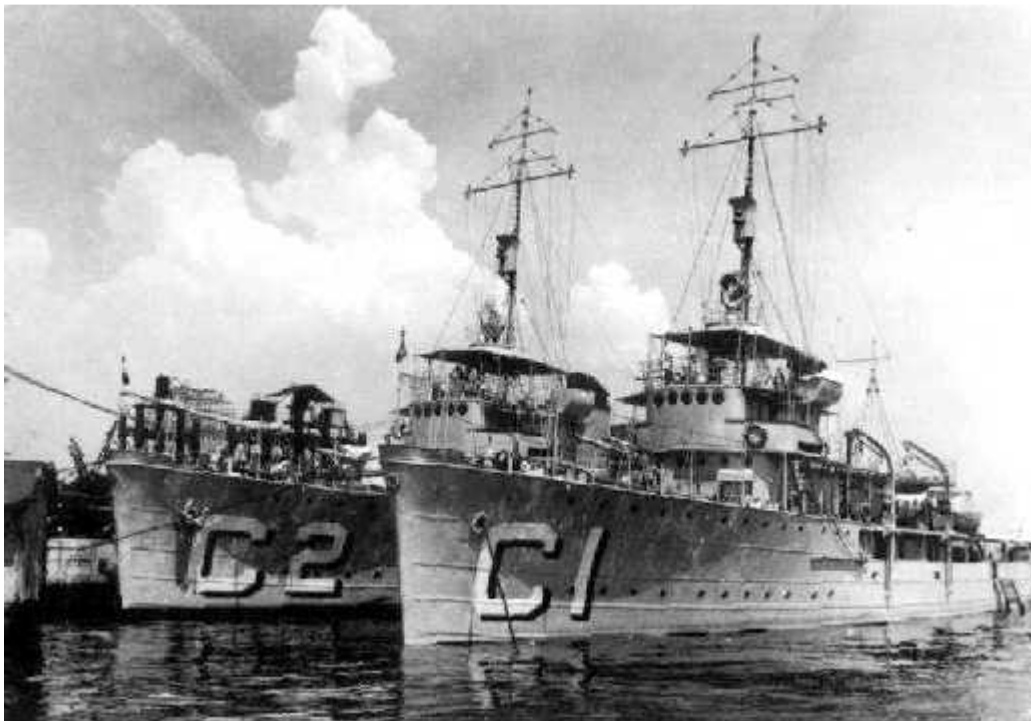
Originalmente lança-minas, esses barcos foram convertidos a corvetas A/S quando da entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial.

Participaram ativamente das escoltas de comboios, perdendo um de seus barcos, o Camaquã, que emborcou ao largo de Recife a 21/07/44, levando 33 vidas com ele. O Jutai, chegando à área do naufrágio, por pouco não abriu fogo contra o casco emborcado, confundindo-o com um submarino.

O Camocim, depois de desativado, retornou ao serviço a 13/12/49. Todos os remanescentes (inclusive o Camocim) foram descartados em 1960.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Eram armados com 1 canhão de 4 polegadas, 2 canhões AA de 20 mm e tinham capacidade para 44 minas (receberam lançadores de cargas de profundidade quando da conversão). Deslocamento - 552 T (padrão). Comprimento - 57,50 m. Velocidade - 15 nós.



Cananéia (C2) e Carioca (C1)

FERNANDES VIEIRA

Classe de corvetas A/S.

Em fevereiro de 1941, seis traineiras começaram a ser construídas no Brasil para a Inglaterra. Porém, com a entrada do Brasil na guerra, esses cascos foram completados como corvetas anti-submarinas para a Marinha Brasileira.

Esses barcos foram batizados Fernandes Vieira (F1), Felipe Camarão (F2), Henrique Dias (F3), Matias de Albuquerque (F4), Vidal de Negreiros (F5) e Barreto de Menezes (F6). Foram comissionados em 1943/4, tomando parte da Força Naval do Sul, prestando serviços de escolta durante a 2ª Guerra Mundial.

Ao fim da guerra, todos passaram a ser navios faroleiros. F. Vieira foi desativado a 01/08/52 e desmantelado em 1953; o F. Camarão foi desativado a 14/07/53 e descartado em 1960; o H. Dias serviu como navio-hidrográfico e foi descartado em 1959; M. Albuquerque foi desativado a 07/04/52 e entregue à Confederação dos Pescadores (posteriormente, foi convertido em navio mercante, rebatizado Cometa); o V. Negreiros foi desativado a 13/01/47, entregue à Escola de Pescadores Darci Vargas, reincorporado em 1954 como navio-faroleiro e finalmente descartado em 1959; o B. Menezes foi temporariamente desativado a 14/07/53, mas encalhou a 04/11/54, com perda total.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Eram armados com 1 canhão de 3 polegadas, 4 canhões AA de 20 mm e 4 lançadores de cargas de profundidade. Deslocamento - 680 T (padrão). Comprimento - 53,70 m. Velocidade - 12,5 nós.



Vidal de Negreiros, 1946.

MARANHÃO

Destróier.

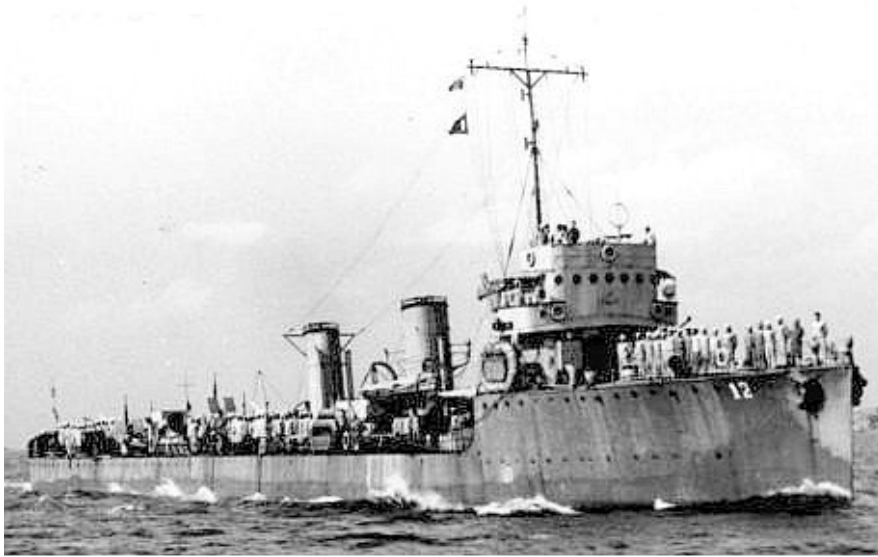
Veterano da 1ª Guerra Mundial, o HMS Porpoise (classe Acasta) foi construído em 1913 e adquirido pelo Brasil em 1920, sendo rebatizado Maranhão. Participou da repressão à revolução de 1930 e à intentona comunista de 1935.

Quando o Brasil entrou na 2ª Guerra Mundial, ele estava completamente obsoleto, mas, mesmo assim, foi convertido a corveta A/S, recebendo novo armamento e sonar. Prestou serviços até o fim da guerra. A 13/07/43, o Maranhão resgatou 82 náufragos do navio americano Africa Star que havia sido torpedeado. Foi a nave-capitânea da Força Naval do Sul (criada a 23/04/44).

Foi desativado a 13/09/46.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Era armado com 3 canhões de 4 polegadas, 3 canhões AA de 20 mm e 4 tubos lança-torpedos de 21 polegadas e lançadores de cargas de profundidade. Deslocamento - 934 T (padrão). Comprimento - 80,46 m. Velocidade - 28 nós.



CT12 Maranhão, navegando na Baía de Guanabara.

MARCÍLIO DIAS

Classe de destróieres.

De desenho americano (classe Mahan), os três barcos dessa classe foram construídos no Brasil (embora artilhados nos EUA), sendo incorporados entre 1943 e 1944. Batizados M2 (depois D25) Marcílio Dias, M1 (depois D26) Mariz e Barros (ambos lançados em 1940) e M3 (depois D24) Greenhalgh (1941), os barcos dessa classe eram rápidos e bem armados. Prestaram extensos serviços de escolta e patrulha, escoltando, inclusive, os 1º, 4º e 5º escalões da FEB, na viagem destes à Itália.

Continuaram em serviço ainda por muitos anos, sendo o Marcílio Dias e o Greenhalgh descartados em 1966 e o Mariz e Barros somente em 1972. O Mariz e Barros foi reformado em 1966, recebendo mísseis Sea Cat (foi o 1º navio da Marinha Brasileira a ter mísseis).

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Eram armados com 5 canhões de 5 polegadas, 4 canhões de 40 mm, 8 canhões AA de 20 mm, 4 morteiros A/S, 2 lançadores de cargas de profundidade e 12 tubos lança-torpedos de 21 polegadas. Deslocamento - 1.500 T (padrão). Comprimento - 104,00 m. Velocidade - 36,5 nós.



D24 Greenhalgh

MINAS GERAES

Classe de encouraçados.

Em 1907, a Armstrong Whitworth iniciou a construção de dois encouraçados para o Chile, mas a construção desses barcos (e de um 3º) foi revertida para o Brasil. Os dois primeiros foram completados em 1910: Minas Geraes e São Paulo. O 3º, Rio de Janeiro, foi vendido à Turquia e acabou sendo usado pela Royal Navy durante a 1ª Guerra Mundial (rebatizado HMS Agincourt).

Por mais de 40 anos, o Minas Geraes e o São Paulo representaram o poderio naval brasileiro. Ambos receberam reformas nos EUA (1921-22) e no Brasil (1934-40).

Na sua viagem para o Brasil, o São Paulo conduziu o Presidente eleito Marechal Hermes da Fonseca de Cherburgo (França) para o Rio de Janeiro, o qual assistiu, durante a escala em Lisboa, à Proclamação da República em Portugal. A 22/11/10, eclodiu a bordo do Minas Geraes o “Levante da Chibata”, em protesto contra os castigos físicos ainda vigentes na Armada. Em 1920, o São Paulo conduziu os reis da Bélgica na visita destes ao Brasil e trouxe os restos mortais dos imperadores Pedro II e Teresa Cristina. A 06/07/22, ambos abriram fogo contra o Forte de Copacabana durante a Revolta Tenentista. Quando o Brasil entrou na 2ª Guerra Mundial, o Minas Geraes estava sediado em Salvador e o São Paulo em Recife, ambos compondo as defesas costeiras, onde permaneceram até o fim da guerra.

O São Paulo teve baixa a 02/07/47 e foi vendido, para desmantelamento, a uma firma inglesa. Porém, a 06/11/51, afundou acidentalmente durante a viagem, levando consigo 8 tripulantes. O Minas Geraes teve baixa a 16/05/52, foi vendido a uma firma italiana no ano seguinte e foi desmantelado em 1954.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

O Minas Geraes, em 1937, estava armado com 12 canhões de 12 polegadas, 14 canhões de 4,7 polegadas, 4 canhões de 3 polegadas e 4 canhões de 40 mm. Deslocamento - 19280 T (normal). Comprimento - 165,80 m. Velocidade - 19,6 nós.



Minas Geraes

PARÁ

Classe de destróieres.

Construídos na Inglaterra em 1908/10, os barcos dessa classe serviram durante a 1ª Guerra Mundial (o Rio Grande do Norte possivelmente afundou um submarino alemão em 1918). O Piauí, o Rio Grande do Norte, o Parahyba e o Santa Catarina participaram da DNOG (Divisão Naval de Operações de Guerra) em Gibraltar.

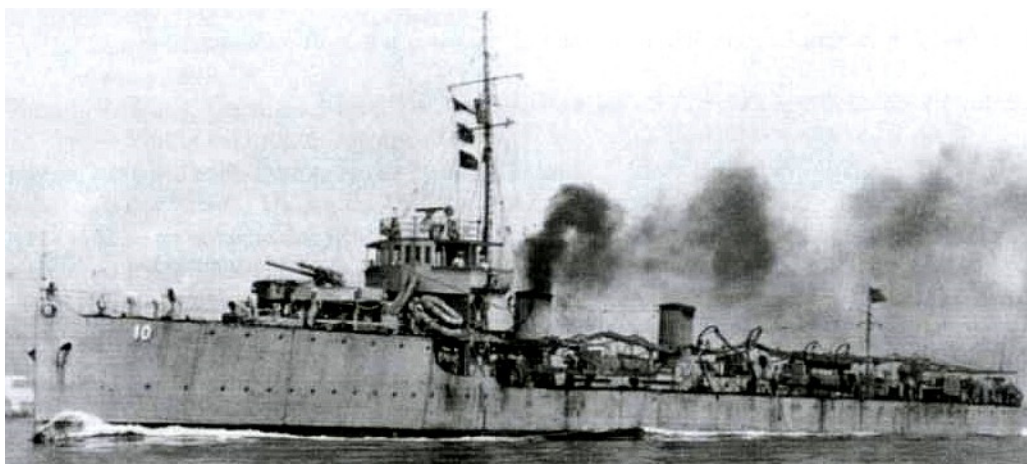
A classe teve 10 barcos, a saber: CT1 Amazonas, CT2 Pará, CT3 Piauí, CT4 Rio Grande do Norte, CT5 Parahyba, CT6 Alagoas, CT7 Sergipe, CT 8 Paraná, CT9 Santa Catarina e CT10 Mato Grosso. O Amazonas, o Pará, o Alagoas e o Paraná já haviam sido retirados de serviço antes da entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Embora estivessem virtualmente obsoletos, os remanescentes foram equipados com lançadores de cargas de profundidade.

A 28/07/44, o Piauí, o Sergipe, o Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Santa Catarina foram desativados, restando apenas o Mato Grosso, então usado como navio-escola. Durante a guerra, eles faziam parte das defesas do Rio de Janeiro (então capital). O Mato Grosso deu baixa a 13/09/46.

O passadiço e o tijupá do Pará hoje são preservados na Escola Naval na Ilha de Villegagnon.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Eram armados com 2 canhões de 4 polegadas, 4 canhões de 47 mm e 2 tubos lança-torpedos de 18 polegadas. Deslocamento - 560 T (padrão). Comprimento - 73,15 m. Velocidade - 28 nós.



CT10 Mato Grosso

PARNAÍBA

Monitor fluvial.

O Parnaíba foi construído no Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro em 1937 e foi o 1º Navio de Patrulha Fluvial (NaPaFlu) totalmente brasileiro.

Comissionado a 06/11/37, o U17 (sua designação oficial) foi originalmente destinado à Flotilha do Mato Grosso, mas, a 19/04/ 43, foi transferido para Salvador, onde prestou serviços como escolta até 20/12/45, quando retornou à Flotilha do Mato Grosso.

No pós-guerra, foi rearmado em 1960 e modernizado em 1998-99. Ainda estava em serviço em 2008.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Era armado com 1 canhão de 6 polegadas, 2 canhões de 47 mm, 4 canhões de 20 mm, 4 metralhadoras e 2 morteiros A/S de 87 mm. Deslocamento - 620 T (padrão). Comprimento - 55,00 m. Velocidade - 12 nós.



Parnaíba

PERNAMBUCO

Classe de monitores fluviais.

Em 1890 iniciou-se a construção de dois monitores fluviais, o Pernambuco e o Maranhão. Em 1910, o Pernambuco foi incorporado à Esquadra Brasileira, mas o Maranhão (rebatizado Vitória) teve seus trabalhos paralisados até 1938, sendo afinal comissionado Paraguassú a 08/05/40.

Esses dois barcos (mais o Parnaíba e o velho Oiapoque de 1907) formavam a Flotilha do Mato Grosso. Em abril de 1943, o Paraguassú (juntamente com o Parnaíba) foi transferido para Salvador, prestando valiosos serviços durante a 2ª Guerra Mundial, retornando ao Mato Grosso ao fim desta.

O Pernambuco foi desativado a 27/08/48 e o Paraguassú continuou na ativa até 1972, quando foi descartado.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

O Paraguassú era armado com 1 canhão de 4,7 polegadas, 2 canhões de 47 mm, 2 morteiros A/S de 87 mm e 8 canhões AA de 20 mm. Deslocamento - 500 T (padrão). Comprimento - 44,72 m. Velocidade - 12 nós.



P2 Paraguassú, 1940.

RIO BRANCO

Corveta A/S.

Construído em 1914, esse barco canadense (ex-HMCS Margareth) foi comprado pelos constitucionais de São Paulo em 1932, sendo rebatizado Ruth (era então uma corveta). A 14/12/32, ele foi incorporado à Marinha Brasileira como Rio Branco e a 25/01/34 foi reclassificado como navio-hidrográfico. Quando o Brasil entrou na 2ª Guerra Mundial, o NHi Rio Branco foi convertido a corveta A/S, fazendo parte da Força-Tarefa 27.6.2 (juntamente com o Bahia, o Cabedelo e o Camocim), cumprindo tarefas de escolta e patrulha no nordeste brasileiro. Deu baixa a 13/12/56.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Era armado com 2 canhões de 47 mm. Deslocamento - 895 T (padrão). Comprimento - 55,59 m. Velocidade - 15 nós.



Rio Branco, como corveta durante a 2ª Guerra Mundial.

V-11 GB2

Bombardeiro leve americano.

A aviação militar brasileira, no momento da declaração de guerra ao Eixo, compunha-se de máquinas de diversas procedências, na maioria obsoletas. Entre os poucos aviões modernos, estava o Vultee V-11 GB2.

Lançado em 1937, o Vultee V-11 GB2 foi derivado de sua versão civil. Foi adquirido pela China (33 unidades entregues a partir de julho de 1937 e usados contra os japoneses), Brasil (26), URSS (4 unidades adquiridas e outras 31 produzidas, sendo batizado Bsh-1 e, depois, PS-43, sendo usado principalmente como avião de ligação) e Turquia (6). O US Army adquiriu apenas 7 unidades dele em 1939, dando-lhe a designação A-19. Também teria sido adquirido pelos republicanos espanhóis durante a Guerra Civil Espanhola, mas o navio que os transportava afundou. Ao todo, ele teve 150 unidades produzidas.

No Brasil, das 26 unidades recebidas, 24 passaram para a FAB em 1941. Conhecido como "Vultizão" pelos seus tripulantes brasileiros, esse avião ficou em serviço (primeiro na Arma Aérea do Exército, depois na FAB) de 1939 a 1948. Durante a 2ª Guerra Mundial, foi bastante usado em patrulha A/S na costa brasileira.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Era armado com 4 metralhadoras de 0,30 polegadas e tinha capacidade para até 1.680 kg de bombas. Comprimento - 11,53 m. Envergadura - 15,24 m. Altura - 3,05 m. Motor (1) - 1.200 HP. Peso (máx) - 4.727 kg. Velocidade - 370 km/h. Autonomia - 1.786 km. Teto - 6.218 m. Tripulação - 3 homens.



Vultee V-11 GB2